

RESSURGIMENTO

AO SERVIÇO DA DEMOCRACIA PORTUGUESA

SUMARIO

O fascismo português procura sobreviver! — «The Economist» responde ao Secretariado Nacional de Informação — Política sanitária do Estado Novo — Vida internacional — Ecos do estrangeiro sobre o fascismo em Portugal — A constituinte brasileira saúda o povo português. — Antifascistas católicos — Quem são eles? — Rocha Saraiva — Eterna aliança

**SERVIMOS A PATRIA LUTANDO
UNIDOS CONTRA O FASCISMO!**

"PEDIMOS DESCULPA DO ATRAZO DESTE NUMERO"

O FASCISMO PORTUGUÊS PROCURA SOBREVIVER!

A 1ª CONFERÊNCIA DA UNIÃO NACIONAL

I-A CONFERENCIA NÃO SE REUNIU PARA ENCONTRAR SOLUÇÃO
AOS GRAVES PROBLEMAS NACIONAIS. O SEU FIM FOI EXCLU-
SIVAMENTE POLITICO

Quem quizer entender o verdadeiro significado da chamada I Conferencia da União Nacional, não poderá limitar-se à análise do discurso de Salazar, propositadamente ambíguo e vago em certos pontos. Impõe-se, pois, que lancemos mão de outros elementos que nos esclareçam sobre os motivos que originaram e os fins que visava a dita "Conferência".

Um primeiro elementos temo-lo nas palavras com que o fascista Braga Paixão (secretário geral da U.N.) inaugurou a conferência: o objectivo desta não era o "de ditar ou prescrever soluções, nem adoptá-las por nós ou mandatários nossos", nem se deveria esperar da mesma "a definição de conclusões finais, nem contar sequer com a inspiração directa dos homens de estado"... Mais: os presentes estavam ali reunidos para ouvirem a palavra inspirada do seu dirigente, porquanto "a mesma fidelidade que mantemos quanto aos principios, mantemo-la quanto ao chefe"...

Um segundo elemento, temo-lo nessa intensa remodelação dos quadros dirigentes da U.N. (que os fascistas levaram a cabo nos meses que precederam a Conferencia). Caracteristicas desta remodelação foram: 1ª-expulsão dos elementos que, durante o periodo das meias liberdades concedidas em fins de 1945, perante o irromper do Movimento de Unidade Democrática, se mostraram vacilantes, ou assinaram mesmo as listas do MUD; 2ª-atracção de outros elementos, até aqui não incluídos na U.N., que sobretudo satisfizessem à condição de serem influentes locais, e isto com dois fins evidentes -o de se dar às comissões da UN a aparência demagógica de "uma mais ampla representação dos interesses que se movem no seio da Nação"... e o de lhes dar tambem uma maior eficiência na angariação de votos, por caciquismo politico, na emergência de mais uma farsa eleitoral...

Com estes dois primeiros elementos, podemos já tirar as seguintes conclusões: a)-O fim da "Conferencia" foi exclusivamente politico. Não se tentou encontrar uma solução para os graves problemas nacionais da hora presente. Tentou-se justificar o regime aos olhos de muitos dos seus adeptos menos seguros ou divididos entre si (vide referencias de Marcelo Caetano às chamadas três correntes diversas do fascismo...); b)-Procurou-se activizar as neo-comissões da UN, dando-lhes as directrizes politicas para o seu trabalho local; c)-Quiz-se, com a "Conferencia", inaugurar um "novo tipo" (fascista...) de "manifestação" de apoio ao regime vigente", em substituição das antigas manifestações pseudo-populares e pseudo-expontâneas, que o fascismo português, por motivos internos e externos, se não sente já com a coragem de continuar a encenar.

Mas havemos de tirar mais conclusões, adiante, com outros elementos.

A FRAQUEZA DO FASCISMO, NO CAMPO INTERNACIONAL E NO INTERNO

Se o fascismo português recorre a estes expedientes, isso é uma prova de que sente fraquejar a sua posição. Quais as causas desta fraqueza?

Vejamos:

No campo internacional, o fascismo português, a pesar da benevolência suspeita de uns e da cumplicidade mais que suspeita de outros, vê-se afastado do seio das Nações Unidas. E vê-se afastado... precisamente em virtude da sua própria política.

Com efeito, Portugal continua a não ter um regime democrático, mas um regime fascista que ajudou Franco na sua agressão traidora contra o povo espanhol, que ajudou Hitler e Mussolini contra as Nações Unidas durante quase toda a última guerra, que continua a reconhecer o ex-governo polaco de Londres e não o actual governo democrático da Polónia (hoje reconhecido pelas Nações Unidas) e que se mantém ainda sem relações diplomáticas com a URSS, com a Tchecoslováquia e outras Nações democráticas da Europa. Ao mesmo tempo, Salazar continua a manter com a Espanha de Franco mais do que simples relações diplomáticas... A opinião democrática do Mundo inteiro tem condenado o regime salazarista. Ainda há bem pouco tempo, o Senado Federal e a Câmara dos Deputados do Brasil foram unânimes na sua reprovação. E as colónias portuguesas no estrangeiro, a pesar dos rios de dinheiro que António Ferro esbanja na sua mentirosa propaganda, continuam iniludivelmente ao lado do povo português contra o fascismo. Estas foram algumas das razões fundamentais que impediram, no Conselho de Segurança das Nações Unidas, a unanimidade entre os cinco grandes, indispensável ao deferimento do seu pedido de admissão na ONU.

Mais ainda. não esqueçamos que, quando do pedido de admissão da URSS à antiga Sociedade das Nações, Portugal de Salazar se opoz a essa admissão com o argumento de que "a entrada da URSS representava uma ameaça à civilização ocidental" e de que, mais tarde, votou, com outros membros da SDN, a expulsão da URSS...

Nestas condições, que confiança poderia ter a URSS nas intenções desse mesmo Portugal fascista, que desde então até hoje não mudou de regime, quasi não mudou de governo e, sobretudo, não mudou de orientação política? Qual iria ser a sua actuação dentro da ONU, se para sobreviver sempre por as suas esperanças, e continua a pô-las na divisão das Nações em blocos hostis?

Ora hoje discutem-se na ONU questões que são importantíssimas para o nosso País. O não podermos tomar parte na discussão dessas questões é um inconveniente gravíssimo para a Nação e as responsabilidades da nossa ausência da ONU cabem exclusivamente ao regime salazarista. Eis porque a rejeição do pedido de admissão de Portugal na ONU enfraqueceu em muito a posição do fascismo português.

No campo interno, está hoje mais patente do que nunca o completo fracasso do regime salazarista na resolução dos mais importantes problemas nacionais, resolução que ele só prometera, de resto, com fins demagógicos. No campo económico e financeiro, assistimos ao mais ruidoso descalabro do chamado "Sistema Corporativo", que só pode conduzir ao fortalecimento dos grandes monopólios à custa da crescente ruína económica dos pequenos e médios produtores e comerciantes, do funcionalismo e dos trabalhadores, cujos diminuídos salários e ordenados reais parecem um escárnio em face do florescimento escandaloso do mercado negro, produto lógico daquele mesmo "sistema Corporativo".

No campo social, o descalabro é mais potente ainda porque são completamente ineficientes: a assistência económica e social aos trabalhadores e funcionários enfermos; a protecção à Maternidade e à Infância; a protecção à Família; a defesa da Saúde Pública; a garantia dos direitos dos trabalhadores por meio dos chamados Sindicatos fascistas que, quando se propõem defender, de facto os interesses dos associados, são dissolvidos (caso dos Vendedores de Jornais, e.e.); o "combate" ao desemprego e a protecção aos desempregados (todos hoje sabem que destino leva o famoso Fundo do Desemprego...), etc. E a acção do Estado Novo no domínio da Edu-

cação Publica é calamitosa: não se trata só de desinteresse, mas de perseguição calculada e metódica a tudo o que possa representar Cultura ou um aumento de Cultura para o Povo.

No campo politico, continuamos no mesmo regime de censura, de cerceamento de todas as liberdades, de feroz repressão policial.

Mas todos os nossos problemas internos atingiram tal acuidade que esta mesma repressão policial não basta já para evitar que o Povo Português há muito tempo, mas com maior intensidade nos ultimos anos, venha manifestando o seu descontentamento, a sua irredutível opposição ao regime, em milhares de pequenas e grandes lutas económicas e politicas - lutas que têm reforçado enormemente a Unidade do Povo Português contra o fascismo e têm abalado seriamente os alicerces deste. Além disso, as novas condições que a ultima guerra introduziu no Mundo (triunfo da Democracia, criação da ONU), já não permitem ao fascismo português o continuar a usar esta repressão brutal de um modo tão aberto como anteriormente. E, por isso, ele vê-se obrigado a recorrer a manobras que iludem os ingénuos, dêem esperanças aos timoratos que tudo esperam da boa vontade do poder e, por outro lado, reforcem as posições dos duvidosos e calculistas dentro das próprias fileiras.

A 1ª Conferencia da U.N. é uma dessas manobras!

II - O DISCURSO DE SALAZAR

O "Chefe" insulta o Povo Português

Consciente, talvez, da repulsa nacional do seu regime, Salazar já não se dirige demagogicamente "à grande massa dos seus concidadãos, mas sim aos homens capazes de refletirem com calma"... E, tal como os fascistas em toda a parte, pretende distinguir entre Povo e Nação. Para ele, a Nação não é o agregado dos cidadãos - é uma entidade abstracta, e vazia de sentido, que ele coloca acima do Povo. É a classica distincção escolástica que faz quem pretende sustentar que defende os interesses da Nação.. muito embora trabalhe contra a vontade e os interesses do Povo...

Desdenhosamente Salazar afirma que "entre as qualidades do nosso espirito se não conta uma forte independencia mental", que não possamos de "glosadores de concepções alheias"... e que "desta verificação se deveriam tirar conclusões preciosas para a educação nacional"... E tira-as... Quais são elas?

Salazar arroga-se o direito de pensar pelo Povo Português e lhe impôr a sua politica.

Eis as conclusões que o chefe fascista tira da sua ideia da "inferioridade mental do nosso Povo:

1ª conclusão: Visto que somos um povo de inferiores mentais, de imitadores, os nossos desejos não são dignos de atenção, pois não passam de.. novidades de moda... Um regime democrático, parlamentar ou socialista, não convem pois ao nosso Povo, que precisa de um Governo forte, que pense por ele e o obrigue a executar as suas resoluções... (recorde-se que Salazar também diz que, "na acção", já somos bons...)

2ª conclusão: Já que no nosso País, se constata a "relevancia do factor politico" (o que ele lamenta) vejamos qual é, então, a melhor solução politica para nós? É simples: uma solução politica é satisfatória se assegura "ordem", "paz nas ruas", "governo forte e estável", "ausencia de elementos contraditórios na representação nacional". Estes são slogans fascistas. Mas também acrescenta: é boa a solução se assegura a "paz nos espiritos" e "o progresso na paz"... E, aqui, tem o descaramento de afirmar "que não é discutivel se existem uma e outra coisas em Portugal"! Mas

então...quem deve responder? Salazar, ou o Povo Português? Salazar arroga-se o direito de fazê-lo pelo Povo, porque este é...mentalmente inferior..

3ª conclusão: Sendo assim, o Povo Português não tem que procurar "correr o risco de aventuras", quando já encontrou "uma linha politica conveniente"... E essa linha, claro está, é o fascismo. O regime que convém ao Povo Português, pobre cego, é o chamado Estado Novo fascista, que comporta evidentemente "pequenas remodelações" e "alargamentos de representação" aqui e além mas... "sem se negar a si mesmo"!...

O fascismo português é um perigo para a paz mundial. Salazar põe as suas esperanças numa nova guerra, alinhando com a reacção mundial.

Como todos os chefes fascistas que sentindo faltar-lhes o apoio no plano nacional, o procuram no plano internacional, enfeudando os interesses da Nação a estrangeiros e jogando com a discórdia entre as Nações, Salazar põe as suas esperanças numa nova guerra, numa nova cruzada anti-soviética, tal como preconizava Goebbels...

Não tendo a coragem de o declarar abertamente, afirma "que é um crime toda a palavra imprudente e incitadora de um estado de espirito belicoso", mas vai dizendo que "é crime ainda mais grave contra a humanidade fechar os olhos a realidades palpáveis e portadoras de germes tão graves para a mesma paz que se pretende consolidar"... E essas realidades palpáveis são..."a ameaça da nova ordem comunista", inconciliável com o conceito de civilização de que se orgulham outras hegemonias" ameaça personificada na URSS. que ele hoje já não pode descrever, à semelhança de outra, como um país caótico e ineficiente, mas que reconhece ser hoje "um dos países mais fortes do mundo", "dispondo de uma doutrina, duma técnica e de um governo" e com as "possibilidades de dominar inteiramente a Europa" São elogios que êle faz à URSS? Não! Salazar fala de tudo isto e das "virtualidades do sistema sociético" para agitando mais uma vez o espantelho do "perigo bolchevista", concorrer para a divisão das Nações Unidas e dos democratas portugueses!

Ele pretende que o Mundo há-de dividir-se em dois blocos hosteis - de um lado a URSS e do outro os E.U. da América- e que o lugar de Portugal é ao lado desta ultima.

Ele pretende convencer-nos de que um dilema se põe hoje à Europa e de que "a Europa tem de escolher"...

O jogo é claro. Salazar alinha ao lado dos fomentadores de guerras que como Churchill, Vandenberg, Pio XII e o Cardeal Spellman, vêm numa guerra anglo-americana contra a URSS, a possibilidade de esmagarem, em todos os países, as forças mais sinceramente democráticas e de anularem aqueles progressos democráticos que os povos conquistaram na sua luta contra o fascismo.

A politica de Salazar continua pois a ser nociva não só para Portugal, como para a paz do Mundo!

RESPOSTA AO FASCISMO

Que nos mostra tudo isto?

- 1ª - Que o fascismo português continua a impôr ao país a sua linha politica, que não está, nem podia estar disposto a abandonar o poder!
- 2ª - Que, para se sustentar no poder, o fascismo não hesita diante dos processos. Os processos são o da divisão das nações, no campo internacional - e o da divisão dos democratas portugueses, no campo interno; agitando o espantelho bolchevista e de-

clarando hipocritamente "estar de braços abertos para quem, de coração isento, queira colaborar" com ele...

- 39 - Que, portanto, a manter-se o fascismo no poder, corremos o risco de vermos agravarem-se sem remédio os nossos já graves problemas internos e de vermos a nossa independência económica e política cada vez mais comprometida pelas concessões que o fascismo vai fazendo ao estrangeiro, a fim de obter o seu apoio externo! → p. 18

XXX

THE ECONOMIST RESPONDE AO S. N. I.

(Do nosso correspondente de Lisboa)

O Governo Português publicou recentemente um folheto com o título um tanto pomposo de "VINTE ANOS DE GRANDIOSAS REALIZAÇÕES" com o objectivo de relatar a administração de Salazar durante os primeiros vinte anos da Revolução Nacional.

O folheto abrange o período que vai de 28 de Maio de 1926 a 28 de Maio de 1945, o que não prefaz na realidade os pretendidos vinte anos. Além disso, o vigéssimo que está a decorrer é sem duvida um ano crítico para Portugal assim como para as restantes Nações.

O primeiro capítulo afirma que desde 1933, ano em que foi publicado o Estatuto Nacional do Trabalho, formaram-se mais de 300 Sindicatos Nacionais havendo dentro destes Sindicatos, numerosas uniões. Pretende-se que antes disto se ter realizado, o Estado estava a fragmentar-se devido ao "egoísmo deshumano do liberalismo económico". Sem querermos contestar a sinceridade dos seus objectivos, devemos afirmar que a finalidade da Carta era a de fixar ordenados numa base equilibrada e a de proibir greves. Este ano, todavia, numerosas firmas viram-se na necessidade de dar o equivalente a aumentos clandestinos a fim de evitar greves "ilegais" motivadas pela grande subida no custo da vida.

O mesmo folheto afirma que numerosas reformas foram realizadas pelo Ministerio da Justiça em toda a esfera da sua actividade. Se bem que isto seja verdade, certo é que muitas reformas ainda têm de ser feitas. Em 1945 por exemplo, foi instaurado o Habeas Corpus, não obstante em Julho de 1946 fizeram-se em Lisboa numerosas prisões que ainda não foram sujeitas a julgamento. Concomitantemente existem trez classes de acomodação prisional dotadas dum relativo conforto para os presos de primeira e segunda classe. Estas categorias são meramente baseadas na capacidade que o preso tem em pagar.

O Ministerio de Finanças é creditado com o facto de finalmente equilibrar o orçamento anual. O único comentário susceptível de fazer-se é o de que -à semelhança de Joffre ser censurado de vencer sempre a batalha do Marne- Salazar equilibra o Orçamento Português com grande aplauso.

Segundo se alega, o Estado Novo, graças a Salazar, conseguiu um saldo positivo de 4.000.000 de contos. "Em 31 de Agosto de 1934 não existia um centavo de empréstimos do Estado amortizavel a curto prazo, e a Tesouraria do Estado a presentava então a conta redonda de 3.054.000 contos que fazia parada e sem qualquer possibilidade de colocação". O relato faz a revelação de que Portugal estava em 1922 a contrair empréstimos ao juro de 13%, ao passo que em 1940 os podia contrair a 4% e desde 1944 em diante a média tem sido a 2 1/2%.

O capítulo sobre o Ministerio da Guerra tem interesse especial pelas omissões contidas., Alega -e com inteira verdade- que se continuou a politica de rearmar o exercito português(...) tendo sido adquiridos grandes fornecimentos de material. Isto é verdade, mas estes grandes fornecimen-

tos foram adquiridos gratuitamente do Governo Britânico em troca das bases dos Açores. O capítulo sobre a marinha é uma mera repetição do capítulo sobre a pasta da Guerra; ao passo que a única "grandiosa realização" do Ministério dos Negócios Estrangeiros foi a Concordata com a Santa Sé.

O Ministério das Obras Públicas repete a pretensão de todas as ditaduras, de que foram construídas excelentes estradas e bons portos.

O Ministério da Educação Nacional relata complacentemente que o "analfabetismo em Portugal desceu até 61,8% entre 1930 e 1940", O comentário dum português culto, pode, talvez resumir a atitude das entidades oficiais: "na verdade", disse ele, "creio que estes números são lamentáveis, mas se o nosso povo soubesse ler e escrever, ficaríamos a braços com os mesmos problemas a que têm de fazer frente nos vossos países".

Ao Ministério da Economia, segundo o folheto, cabe o crédito de se ter desenvolvido a industria mineira de carvão e "duma maneira geral todas as restantes empresas mineiras e industriais". A produção de cimento em Portugal foi intensificada. "A industria do ferro foi grandemente desenvolvida". Na parte respeitante à exportação só se indicam números para os seguintes trez produtos (em milhares de toneladas):

Anos	1928	1939	1943
Conservas de sardinha -----	34	41	47
Cortiças -----	127	160	112
Produtos resinosos -----	10	58	117

Afirma-se que Portugal se abastece a si proprio na produção de arroz de que é um grande consumidor.

Apesar de estas auto-felicitações oficiais, o efeito destas "grandiosas realizações" sobre o homem médio pode ser resumido pela observação de um inglês que está estabelecido em Portugal há cincuenta anos e que emprega um grande numero de operários. Diz ele: "em 1926 o trabalhador português tinha um baixo nível de vida. A sua refeição vulgar compunha-se de um litro de vinho, de um pão de boa qualidade, e de duas sardinhas assadas. Agora ele têm meio litro de vinho adulterado, meio pão de pessima qualidade e duas sardinhas".

Transcrito de "The Economist" de 21 de Setembro de 1946

POLITICA SANITÁRIA DO ESTADO NOVO

(A EPIDEMIA DE FEBRE TIPOIDE NO ASILO 28 DE MAIO)

Quando o MUD iniciou a sua actividade, em Outubro pasado, um dos ataques dirigidos ao governo fascista de Salazar baseava-se no desinteresse que esse mesmo governo tem mostrado pelos problemas sanitários do país. às criticas dirigidas ao governo respondeu este com uma nota sobre a obra de assistencia do Estado Novo. Esta nota seguia a tecnica habitual da propaganda salazarista: citar os numeros absolutos nunca falando da sua importancia relativa. O caso da tuberculose é tipico: dizia-se na nota que se dispunha de 3.900 leitos para tuberculosos, mas não se indicava, cautelosamente, o numero de leitos necessários para uma luta eficaz. Não será mau esclarecer o publico sobre este assunto.

O numero de leitos necessários para um combate eficaz à doença calcula-se atravez do numero de óbitos que ela causa. Os estudos realizados em paises de elevada civilização -como a Dinamarca, p.e.- mostram que uma organização sanitária bem equipada deve dispôr de cêrca de 2 leitos por

cada óbito anual por ~~tuberculose pulmonar~~ ~~tuberculose pulmonar~~ número de óbitos anuais por tuberculose pulmonar é, entre nós, de cerca de 1.000; para termos uma organização anti-tuberculose como a desse país necessitamos, pois, de mais de 16.000 leitos. Este pequeno pormenor não o dava a prudente nota.

E ainda sobre o valor relativo das dotações, será talvez útil elucidar o publico de que o Estado Novo dispendeu, durante muitos anos, aproximadamente as mesmas verbas com a luta contra a tuberculose e com a PVDE - e isto admitindo que não há dotações secretas para esta prestimosa organização, e guiando-nos apenas pelos dados orçamentais. Para a luta anti-tuberculose não há decerto dotações secretas; se por acaso as houvesse, seria unicamente para dar azo a que o Sr. António Ferro, com as suas bem pagas Trombetas da Fama, exagerasse o volume da dádiva, com o ar encantado de quem descobre uma grande e "modesta" generosidade que pretendia ficar na penumbra...

"Que a mão esquerda ignore o que a direita dá", diz um velho preceito moral; no que se refere ao Governo Fascista, poder-se-ia dizer: "que a trombeta do Sr. Ferro apregoe o que a modéstia do Sr. Salazar oculte"...

No entanto, a trombeta do Sr. Ferro está extranhamente muda a respeito do mais grave e escandaloso caso que surgiu nos ultimos tempos em Portugal no campo da Saude Publica. Referimo-nos à gravissima epidemia de febre tifoide que grassou no Asilo 28 de Maio e que vitimou 6 crianças.

No prefácio duma publicação do SNI dedicada à Assistência Social, leem-se estas palavras:... "É fácil encontrar em qualquer parte um necessitado, mendigo ou não; é igualmente facil encontrar erros numa instituição, official ou particular. Mais difficil é julgar os motivos porque certa pessoa está na miséria ou porque se cometem tais erros e, mais ainda, quasi os culpados e o modo de remediar as faltas".

No entanto, vejamos: será muito difficil saber quais os culpados deste crime, e porque motivos, se cometeram os mesmos erros que levaram ao aparecimento da 2ª epidemia, poucos anos depois da segunda?

Quando da segunda epidemia neste mesmo asilo, em 1940, foi apontada a origem hidrica da mesma e aconselhavam-se oficialmente as simples medidas que evitariam certamente o aparecimento de mais casos. Que caso se fez disto? Porque motivo não estavam vacinadas as alunas? Isto no campo da mais elementar profilaxia.

Quanto ao decorrer da propria epidemia, será muito difficil saber a quem pedir contas das vidas que desapareceram? O asilo está entregue a religiosas e representa, portanto, o modelo da instituição assistencial, tal como o Estado Novo a entende.

Pois neste modelo de instituição, onde se sabia que as águas estavam inquinadas, as raparigas asiladas, obrigadas a trazer permanentemente roupas que não lhes descobrissem as formas femininas, impedidas de se lavarem e não ser vom uma camisa, bebiam água não fervida.

Em pouco tempo deram entrada nos hospitais Civis 170 crianças com febre tifoide das quais morreram 6.

Nesta altura os responsáveis proibiram que continuassem os internamentos e os restantes casos passaram a ser tratados no proprio asilo onde os recursos de enfermagem eram nulos 38 crianças estiveram a ser "tratadas" nesta condições".

Estes factos criminosos alarmaram as proprias fileiras fascistas: o semanário "A Nação" transcreve uma informação clandestina e chega a dizer à "figura nobilissima" do Sr. Botelho Moniz (como lhe chama noutro local) que proceda a um rigoroso inquérito e se punam os que prevaricaram se o caso fôr verdadeiro"....

No entanto esta "nobilissima alma" tão extraordinariamente loquaz nos primeiros tempos do seu consulado, tem emudecido a pouco e pouco. E neste

caso do Asilo 28 de Maio, parece ter perdido completamente a fala.

+++++

V I D A I N T E R N A C I O N A L

(Novembro - Dezembro de 1946)

Está neste momento reunida a Assembleia Geral da O.N.U. e a reacção mundial aproveita a oportunidade para lançar um novo assalto contra a carta de S. Francisco, especialmente no que diz respeito ao direito de veto.

A provocação mundial vem já de longe e tem aproveitado todos os pormenores para carvar a desunião entre as grandes potencias; porém o ataque descarado só se produziu na conferencia de Paris e agora na Assembleia Geral da O.N.U.

OR ARGUMENTOS:

Argumentam os detratores da carta de S. Francisco:

- 1º- Que a carta, entregando ao Conselho de Segurança a direcção da politica internacional, em matéria da determinação da situação de perigo para a paz, actos de agressão e conflito armado, não garante suficientemente os direitos das pequenas nações.
- 2º- Que o Conselho de Segurança, pela atribuição do direito de veto às grandes potencias se arrisca a cair na paralysia completa, dado o uso que dêse direito têm feito certas potencias (para o caso a URSS);
- 3º- Que a impossibilidade de entendimento entre as grandes potencias se revelou já patéticamente e que por isso é inutil procurar unanimidade entre elas em qualquer problema. E sendo assim, não h'á outro caminho a seguir senão o de entregar a direcção internacional a uma Assembleia Geral de todas as nações, actuando segundo as regras da maioria.

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DOS ARGUMENTOS

- 1º- O que logo à primeira vista choca nestes argumentos é que elles são apresentados por países directa ou indirectamente subordinados ao bloco Anglo-americano - a Australia, a Holanda, Cuba e Filipinas.
 - 2º- Em segundo lugar não pode passar despercebido a ninguem que essas grandes potencias tem procurado sempre deslocar os problemas internacionais para as largas assembleias, para aí as manobrar a custa dos pequenos - o problema dos tratados de paz levado por Byrnes à Conferencia de Paris, o problema espanhol levado por Sir Alexander Cadogan do Conselho de Segurança para a Assembleia Geral da O.N.U., etc..
 - 3º- Seguidamente não pode deixar de chocar-nos que nessas reuniões os grandes falem sempre pela voz dos pequenos. num jogo duplice, altamente prejudicial para a paz. Em Paris ou na Assembleia Geral da O.N.U. são sempre países de segunda categoria os que conduzem o ataque ao sistema actual;
 - 4º- É tambem sintomático que qualquer reunião internacional seja sempre precedida de uma larga campanha de provocações na imprensa reaccionaria internacional e nos parlamentos. Repare-se na atmosfera creada antes das reuniões dos Ministros dos Negócios Estrangeiros das grandes potencias, antes da Conferencia de Paris ou da reunião da Assembleia Geral da O.N.U.
- Veja-se em especial a attitude de Churchill desde a sua conferencia em Fulton até hoje.
- 5º- Finalmente não se pode deixar de ter em consideração que as duas grandes potencias - Inglaterra e Estados Unidos - procuram a todo o transe subtrair da esfera da O.N.U. os problemas vitais, como o do controle da energia atómica a fim de ficarem com as mãos livres e não sujeitas ao direito de veto.

ILUDIR, ADIAR, DIVIDIR

Eis a grande divisa da reacção mundial. Iludir os problemas prementes da vida da humanidade, crenado um estado constante de alarme que lhes permite manejar a opinião pública.

Adiar a destruição dos últimos restos de fascismo mantendo-os como futuras testas de ponte, pontos de partida para o assalto contra as conquistas democráticas em todo o mundo. Dividir a opinião pública a fim de evitar o poder combativo da união das forças progressivas, dividir os países em blocos rivais, dividir os países em blocos rivais, dividir o mundo em esferas de influência.

O VETO GARANTIA DA UNANIMIDADE

Grã contra estas três armas da reacção mundial, o direito de veto é neste momento a única garantia eficaz. Por êle se evita que os grandes falem pela voz dos pequenos, com êle se impede o cambalacho internacional; só através dêle se pode chegar à colaboração internacional por meio da unanimidade dos grandes, única forma sólida de organização capaz de abrir uma era de paz.

POSICÃO INGLESA DENTRO DO PROBLEMA

É por demais conhecida a atitude do governo trabalhista no que se refere às suas relações com o fascismo mundial. A acreditar nas palavras dos dirigentes trabalhistas a sua única preocupação tem sido até hoje a de opôr em toda a parte uma barreira ao chamado perigo comunista. E, a acreditar ainda nãs suas palavras, não haveria da parte do trabalhismo outro interesse que não fôsse o de em toda a parte, crear condições que permitissem o exercicio do direito de livre escolha dos respectivos povos. A verdade, porém, está muito distante de tão brilhante panaceia.

A sombra do perigo comunista, agitado por Goebels, incendiou-se a Europa; contra o peiigo comunista Mussolini algemou a Itália, Franco amordaçou a Espanha, Chamberlain entregou a Checo-Eslováquia, Pétain vendeu a França e Churchill encarcerou a Grécia.

Agora, em nome desse mesmo perigo, Attlee adia o problema espanhol, favorece os reacccionários franceses, alimenta o nazismo alemão, mantém o terror na Grécia, impede a solução do problema de Trieste, favorece a entrada dos regimens de Salazar e De Valera na O.N.U., mantém em pé de guerra o exercito facista de Anders e recusa a entrega do ouro polaco ao governo de Varsóvia, recusa-se a reconhecer as eleições polacas, romenas e bulgaras, impede a solução do problema dos estreiros, da navegação do Danúbio da emigração dos judeus, da democratização da Pérsia, da Finlândia, da Austria e da Hungria.

Em tudo isto êle tem atraz de si, como que casualmente, o apoio de Churchill e de Oswald Mosley. E, se algumas criticas se levantam elas vem da parte mais progressiva dz democracia britânica. Tal como Mac Donald em 1924, Attlee sobe ao poder com os votos da esquerda e governa com o apoio da reacção. Até hoje o chefe trabalhista não tece a minima consideração pelos votos dos Trade Unions que representa e tem manobrado os congressos agitando a bandeira do perigo comunista.

Na verdade, o que o governo inglês tem ~~xxxxxxx~~ feito é pactuar em toda a parte com as forças da reacção, à sombra das quais e com as quais pretende manter a velha politica imperialista de dominação mundial.

Neste momento, procura a toda o custo inventar argumentos para manter em pé de guerra um exercito enorme, para manter a ocupação do Egipto do Canal do Suez, do Iraque, da Grecia, da Birmania, da Índia e até das Indias Neerlandesas.

A uma proposta de desarmamento geral de Molotov, responde com um discurso belicoso no parlamento. Perante uma moção de censura de alguns

parlamentares do seu partido, respondo com o "slogan" de "pátria em perigo" e recorre ainda ao desprestígio possível da posição de Bevin na ONU para esmagar, com o veto dos reaccionários, as críticas mais progressivas dos seus correligionários. A sua atitude tem provocado na parte mais chauvinista do socialismo europeu uma atitude de franca hostilidade à política de unidade anti-fascista e tem sido neste ponto um dos maiores obstáculos à emancipação dos povos do continente.

POSIÇÃO AMERICANA

Truman, o sucessor casual de Roosevelt, não demorou muito a cair nas mãos do capitalismo mais reaccionário do seu país.

Fingindo seguir uma política de unidade nacional no plano externo, entregou a Byrnes (o antigo furador de greves) e a Vandenberg (o antigo isolacionista) a direcção dos negócios estrangeiros. O problema do controlo da energia atómica pô-lo nas mãos do director do Trust Baruch; a solução do problema japonês entregou-a a Mac Arthur, o homem, que sob as ordens do presidente Hoover, espingardeou o povo durante as marchas da fome. Na crise de 1929; fez do próprio Hoover um conselheiro e enviou-o à Europa, expulsou Wallace do governo e entregou, pela sua atitude, o Parlamento ao partido dos seus adversários (os republicanos).

Conduziu uma política de armamento a todo o custo e estabeleceu de acordo com Churchill, o plano para a criação do Estado Maior conjunto anglo-americano, a fim de uniformizar as armas dos dois exercitos; enviou à China uma missão Militar que alimenta a guerra civil. Fornece a França armas e meios técnicos de defesa e repressão e fez da UNRRA uma rama política de auxilio aos reaccionários.

Faz nas Filipinas o que Churchill fez na Grécia, persegue e encarcera os guerrilheiros patriotas, e coloca no poder o homem que sempre colaborou com os japoneses - Roxas, afastando, quasi à mão cara, Osmena, resistente desde a primeira hora. Mantém na sua zona de ocupação alemã um exercito constituído por russos brancos, nazis, polacos, húngaros, bulgaros, romenos e yugo-eslavos, partidários de Mihailovich. Neste momento alimenta na Turquia o ódio anti-sociético e procura criar nos Balcans a atmosfera de desentendimento,

No continente americano submete ao imperialismo do dolar e da bomba atómica os ultimos rebeldes (exemplos: Argentina, Bolivia, etc.).

POSIÇÃO JUSTA DA OPINIÃO DEMOCRÁTICA MUNDIAL

Eis porque nos parece, que no momento presente se impõem urgentemente, à consciencia democrática, as seguintes tarefas:

Defesa de uma política de paz baseada na colaboração entre as grandes potencias; Defesa e propaganda, no sentido de prestigiar a ONU; Defesa do direito do veto, única medida capaz de deter o assalto da reacção feita no sentido de desmantelar a Organização das Nações Unidas. Combate a toda a política de blocos antagónicos. Reclamação da destruição do fascismo e da aplicação dos principios contidos na Carta do Atlantico e reafirmados nas conferencias internacionais de Teherão Yalta, Moscovo e Potsdam.

Propaganda contra a manutenção do segredo atómico e pedido da destruição imediata de todas as armas desse tipo.

NOTA: - Alguns dos acontecimentos a que nestas notas, fizemos uma referencia necessariamente breve, terão noutros numeros, naturalmente, o desenvolvimento que merecem.

NÃO PUBLICAMOS NESTE NUMERO O ARTIGO JÁ ANUNCIADO "5 FAMILIAS DOMINAM A ECONOMIA PORTUGUESA", POR ATRAZO NA SUA RECEPCÃO.

ECOS DO ESTRANGEIRO SOBRE O FASCISMO EM PORTUGAL

O "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro (3-8), insere uma exposição dos AMIGOS DA DEMOCRACIA PORTUGUESA, que ocupa uma página inteira do Jornal e que se intitula "A VERDADE SOBRE O FASCISMO EM PORTUGAL".

É um libelo esmagador, brilhante e sereno em que são focados através dos seguintes temas - As Condições Políticas; Terror e Propaganda; Ensino Oficial e Particular; Política Externa anti-Nacional; Nivel de Vida e Saúde Pública; Comédia Democrática e a Democracia Vencerá; - todos os aspectos da tirania fascista que nos oprime. Assinam a exposição alguns dos mais ilustres nomes da literatura brasileira - Hermès Lima, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Soares Filho e Meacyr de Castro.

A "TRIBUNA POPULAR", de (27-9) publica um extenso artigo sob o título "PORQUE PORTUGAL ESTÁ FORA DAS NAÇÕES UNIDAS" e que faz preceder do seguinte comentário: "A ditadura salazarista ababa de sofrer um revés diplomático de amplitude internacional. A pretensão do fascismo português de entrar na Organização das Nações Unidas, apadrinhado pelos novos muniquistas do imperialismo anglo-norte-americano, fracassou completamente.

Para o salazarismo agonizante, o ingresso na ONU seria um balão de oxigénio, destinado a reanimar o combalido Estado Novo de Portugal. Salazar pôs todos os seus esforços nessa desesperada manobra política. Se cessasse a parada, teria meios para contrabalançar, e se possível, deter algum tempo o vigoroso movimento anti-fascista português".

O prof. Austregésilo de Athayde, sob o título -POR AMOR DE PORTUGAL-, escreve um artigo contra o Embaixador Teotónio, em que diz: "Compreendendo a dificuldade em que se viu o Governo português na escolha dum embaixador. Sendo fascista pela sua estrutura, não poderia evidentemente, mandar-nos um delegado democrata, Mas acontece que enviar-nos um funcionário que foi o mestre do corporativismo, o autor das combinações entre Salazar e Franco, uma figura predominante na entrosagem do nazi-fascismo ibérico durante a guerra, excede o que imaginar se possa. Que viesse pelo menos alguém que não usasse camisa de cor. Um Homem neutro.

É por amor de Portugal que escrevo estas observações."

A "TRIBUNE" de que é proprietário um membro do Governo trabalhista inglês ataca o Embaixador Britânico em Lisboa pela sua intervenção, a favor do General Franco, nas conferencias que se realizaram no Estoril para resolver a situação espanhola. "Sir Olen O'Malley -escreve a TRIBUNE- não ocultou nunca a sua tendencia conservadora que inspirou a sua acção diplomática. Serve-se agora, em nome do Governo trabalhista, da mesma linguagem que empregou como Embaixador de Chamberlain em Budapeste, e de Eden junto dos polacos de Londres. Mas há outro aspecto da questão. Sir Olen é o informador principal do Governo em assuntos portugueses, entre os quais há hoje problemas como as relações com o Pretendente espanhol e as negociações para substituir o regime de Franco. As informações que o Foreign Office recebe a este respeito baseiam-se no critério fortemente partidário do seu Embaixador em Lisboa".

"L'HUMANITE", de 24 de Setembro, publica uma local relativa às operações militares que Franco e Salazar estão levando a cabo na fronteira contra os guerrilheiros espanhóis.

O "HERALD AND EXPRESS" de Torquay, dedica um artigo de fundo à situação política portuguesa, sob o título (OUTRO DITADOR EM PERIGO).

Todos os ingleses, mesmo os pacatos habitantes de Torquay, sabem Salazar é um Ditador -menos o Governo de Sua Magestade.

A CONSTITUINTE BRASILEIRA SAUDA O POVO PORTUGUÊS

NA CAMARA DOS DEPUTADOS

Rio de Janeiro, 4-10-946 (Inter-Press) - O ponto culminante da sessão de hoje na Câmara dos Deputados foi a resolução votada acerca da proclamação da República Portuguesa.

O Sr. Octacílio Costa, representante do Panamá, propoz que fossem enviados telegramas de congratulação ao Governo e à "Câmara" de Portugal.

O Sr. João Amazonas, deputado pelo Partido Comunista Brasileiro, pronunciou-se porém contra essa ideia, declarando: "De nenhum modo poderíamos apoiar a transmissão deste voto de congratulações ao Governo Português actual e, sobretudo, à Câmara dos Deputados, porque esta, na verdade, não existe. A Câmara dos Deputados, assim chamada em Portugal não é senão um grosseiro arremedo de representação popular, identico ao que existia na Italia de Mussolini". Apoiando este ponto de vista do deputado comunista, falou depois, energicamente, o Sr. Domingos Velasco, que terminou apresentando uma moção assinada pelos representantes da União Democrática Nacional, do P.C.B. e da Esquerda Democrática, redigida assim: "Pedimos que seja exarado na Acta um voto de louvor ao Povo Português, pela passagem do aniversário da proclamação da Republica". Finalmente fez uso da palavra novamente o Sr. Octacílio Costa para manifestar a sua adesão a esta moção, que foi aprovada pela Câmara, numa magnifica demonstração de como os representantes do Povo Brasileiro não querem saber de Salazar e do seu regime.

NO SENADO FEDERAL

Rio 10-46 (Inter-Press) - Logo que se deu inicio à hodierna sessão do Senado Federal, às 14 horas, o Sr. Luiz Carlos Prestes pediu a palavra para apresentar um requerimento acerca do aniversário da Republica Portuguesa, pronunciando algumas palavras sobre o acontecimento. Começou por salientar os intimos laços de fraternidade que unem os brasileiros aos portugueses e por se declarar honrado com a sua ascendencia portuguesa da parte de ambos os pais. Como brasileiro, sente-se também português e daí provem o interesse com que segue (como todos os democratas) a evolução do regime politico de Portugal.

"Ser patriota" - diz - "significa dizer a verdade", e demonstrou a seguir como um seu comentário na Assembleia Constituinte (quando declarou que Portugal era um dos países mais atrasados da Europa) não foi compreendido pelos falsos patriotas e pela imprensa ao serviço do fascismo, os quais procuravam explorar o caso com o fim de o incompatibilizarem, e ao P.C.B., com o grande e generoso Povo Português. Referindo-se depois a outros países da Europa, iguais a Portugal no seu atraso, como a Yugo-eslavia, a Polónia, a Bulgária, a Róménia e a Albânia, sublinha que estes, depois de uma dura luta contra o fascismo, conseguiram conquistar para si a democracia e possuem hoje governos verdadeiramente nacionais e populares, que repartiram as terras dos senhores feudais por milhares de camponeses.

"Ora" continua "é neste sentido que Portugal é o país mais atrasado da Europa, visto que, nêle como na Espanha, não existe a Democracia, mas dois focos fascistas que põem em perigo a paz mundial". E, depois de ter feito o elogio da figura de Antonio José de Almeida, acrescenta que o Sr. Teotónio Pereira, ex-teórico do corporativismo, não é o embaixador do povo português. Fala das arbitrariedades do governo ditatorial de Salazar, que sem preservar o fascismo e que ainda mantém campos de concentração como o do Tarrafal, onde são torturados e assassinados muitos democratas e patriotas sinceros (e entre eles os comunistas) pelo crime de não aspirarem senão ao progresso da sua Pátria que desejariam ver entre

as Nações Unidas.

Ao concluir, o Sr. Prestes declara que o P.C. Português, perseguido atrozmente, continua lutando pela Democracia, com uma visão muito mais realista da situação e um programa de unidade democrática. Lê depois o manifesto divulgado em 6 de Setembro de 1946, em que o P.C.P. resume toda a sua actuação e a sua linha política.

Após alguns debates, o requerimento, assinado também pelos Srs. Hamilton Nogueira, Matias Olimpo e Aloisio Carvalho, foi aprovado por unanimidade com a exclusão de uma frase. Eis o texto inicial: "Transcorre amanhã, 5 de Outubro, mais um aniversário da proclamação da Republica Portuguesa - grande data que o Povo Irmão certamente comemora reforçando a sua luta pela Democracia e pelo regresso ao regime republicano e constitucional de que se acha há tantos anos privado. Requeremos por isso seja inserto, na acta dos nossos trabalhos de hoje, um voto de solidariedade ao Povo Português, que desejamos vêr, quanto antes, entre as Nações Unidas defensoras da Paz e da Democracia".

A frase suprimida (aliás por proposta do proprio Sr. Prestes) foi "e pelo, regresso ao regime republicano e constitucional de que se acha há tantos anos privado".

XX

A N T I - F A S C I S T A S C A T Ó L I C O S

Amigo Ramiro

Li a tua "Carta aberta a um católico anti-fascista" e parece-me que, quanto à chamada "questão dos católicos", estamos de acordo sobre os seguintes pontos:

- 1ª - "Católico" e "anti-fascista" são dois termos que designam qualidades que se não excluem mutuamente mas que, pelo contrário, podem muito bem estar reunidos num mesmo indivíduo.
- 2ª - Há católicos que abominam o regime de opressão em que vivemos e desejariam ver a nação portuguesa encaminhada para um regime verdadeiramente democrático, mas esitam sobre se devem, ou não, participar activamente na luta anti-fascista. Esta hesitação provém, nestes católicos, da falta de uma sua completa consciencia politica, e é alimentada por algumas vozes que procuram convence-los de que o tomar parte activa na luta anti-fascista estaria em contradição com as suas convicções religiosas ou com os seus deveres de católicos praticantes.
- 3ª - É portanto necessário esclarecer politicamente estes católicos hesitantes, ajudando-os a descobrirem que tal contradição não existe.
- 4ª - O meio mais eficaz de os ajudarmos neste sentido é o de apontar-lhes exemplos que os encorajem e decidirem-se. Portanto: é aconselhável que nos esforcemos por conseguir - sempre que tal seja possível - que nas comissões dirigentes dos varios organismos de unidade anti-fascista figurem elementos que, além de anti-fascistas, sejam incidentalmente, católicos.

Como dizia, creio que estamos de acordo sobre estes 4 pontos. Mas... estão estes 4 pontos e a tua carta escritos com a clareza sufficiente, para que definam uma nitida norma de actuação politica? Para que, numa palavra, se não prestem a mais de uma interpretação?

Eu respondo negativamente. Creio que bastante mais é preciso dizer sobre o assunto - e é na intensão de contribuir, em parte, para a sua clarificação completa, que decidi escrever-te estas linhas.

Em primeiro lugar: na tua carta falas muitas vezes em "nós, anti-

-fascistas e laicos" e "vós, católicos"... Nada teria a dizer sobre estas expressões, senão fôr aquela copulativa "e", metida ali no meio para originar confusões, quasi a significar que "anti-fascista" é sinónimo de "laico"...

Ora...pode afirmar-se que entre os milhares de anti-fascistas que assinaram as listas do MUD não houvesse nenhum católico? Pode afirmar-se que entre as centenas de milhares de anti-fascistas que ultimamente têm manifestado ordeiramente nas ruas, ou têm tomado parte nas greves dos trabalhadores e em protestos colectivos, não houvesse nenhum católico? Pode afirmar-se que entre os muitos actuais anti-fascistas militantes, não os haja que sejam católicos?

Não pode afirmar-se tal coisa! E pela simples razão de que isso não corresponderia à verdade.

Bem sei que tu não quizesse afirmá-lo. Mas então teria sido preferível que escrevesses: "nós, anti-fascistas laicos" e "vós, anti-fascistas católicos".

Em segundo lugar: quando nos dirigimos aos católicos a quem nos dirigimos, e o que é que pretendemos?

Dirigimo-nos a todos os católicos em bloco, como "católicos"? Não! Nós dirigimo-nos àqueles católicos que são pessoas de bem, àqueles católicos que, como nós, abominam o regime fascista em que vivemos e que como nós, ensinam por um futuro mais desafogado em que os destinos do povo português sejam realmente regidos por este mesmo povo, por intermédio dos representantes que êle livremente escolher, no qual, enfim, os problemas nacionais sejam tratados com a colaboração de todos e com o sincero desejo de os solucionarmos no interesse de todos. Numa palavra: nós dirigimo-nos a esses católicos como a "cidadãos honestos" (e portanto, no fundo, anti-fascistas). Por conseguinte, assim como nos dirigimos aos católicos também nos devemos dirigir, nos mesmos termos, a todos os "cidadãos honestos" que professem outras religiões ou cultos --e há-os em Portugal, ainda que em muito menor numero.

E, quando nos dirigimos a estes cidadãos que são crentes, com que intuito o fazemos?

Os enunciados dos pontos 2º, 3º, 3º, 4º dão, em parte, a resposta. Acrescentamos-lhes mais alguma coisa: os conceitos de "anti-fascista" e "crente" ou "religioso" têm de ser colocados em planos de apreciação distintos. Porque ser "crente" ou "religioso" é tomar uma atitude espiritual que, em principio não deveria andar directamente ligada com problemas da vida pratica; ser "anti-fascista", pelo contrário, é tomar uma posição politica, isto é, é tomar uma posição em relação a certos problemas fundamentais que, nesta vida terrena, interessão a uma determinada classe, ou várias classes, de indivíduos e é intervir activamente na resolução desses problemas.

O que é que une ou divide, pois, os homens, no terreno politico? São um certo numero de interesses fundamentais, basilares, de caracter prevalentemente económico, mas também morais, culturais, etc., interesses que não têm relação com o credo religioso de cada um.

São, por exemplo, esses interesses que unem entre si todos os trabalhadores assalariados, crentes e não crentes, porque todos sentem a necessidade de defenderem a sua força de trabalho contra a permanente tendencia que têm os possuidores dos meios de produção para explorá-la sempre mais e mais --e isto independentemente dos credos religiosos desses possuidores...

São, por exemplo, os importantes interesses que, no dia de hoje, unem contra o fascismo salazarista a grande maioria dos cidadãos portugueses, sejam eles trabalhadores intellectuais ou manuais, do campo, das

idades ou marítimos; sejam eles pequenos e médios agricultores, comerciantes, industriais ou artesãos, ou empregados, ou funcionários!

Interesses que são nobres! Porque são naturais, uns, derivados da nossa própria condição humana, do nosso humaníssimo instinto de conservação. Porque são sagrados outros: os da educação e do futuro dos nossos filhos; os da defesa do nosso lar, da Família; os da defesa da própria dignidade humana, ultrajada, a cada passo, pela violência dos opressores.

Quando nos dirigimos portanto, a um crente -e a um católico, em particular- é para lhe dizermos que não há contradição entre as duas condições de "crente" e de "anti-fascista"; é para o avisarmos de que deve opor-se a que quem quer que seja se sirva das suas crenças religiosas para o impedir para qualquer posição política, pois que, só colocando a sua religião acima de todas as questões políticas, e alheia a estas, é verdadeiramente a dignifica! Consequências imediatas do que acabo de dizer parece-me serem as seguintes:

- a)-é, o facto aconselhável (ponto 4º) que, nas comissões de unidade anti-fascista, além de anti-fascistas laicos, figurem também anti-fascistas religiosos;
- b)-esses elementos não estarão porém aí a representar as suas correntes religiosas. É um grave erro falar-se de "representantes dos católicos" em C.U.Anti-fascistas, pois isso seria o mesmo que reconhecer nos católicos uma força política, quando eles não devem sê-lo, nem hoje nem no futuro.

Eu bem sei que o problema que nesta carta quiz agitar, não pode ficar esclarecido só com estas palavras.

E ele comporta outros aspectos importantes, sobre os quais talvez volte a escrever umas linhas. Mas eu...também sou um "laico" como tu. O que seria interessante era que um nosso companheiro de luta, católico, quizesse tomar a palavra sobre o assunto...

Teu amigo anti-fascista

Aleixo Rebelo

+++++
P R O F. R O C H A S A R A I V A

Faleceu no mês de Outubro o Doutor Rocha Saraiva, professor da Faculdade de Direito de Lisboa, figura nobre de democrata que, até ao fim, manteve a sua irredutível oposição ao fascismo, e figura nobilíssima de cidadão que sempre se preocupou com o servir dignamente o País, dentro da sua actividade. Para o Prof.Rocha Saraiva, com efeito, a sua profissão de professor foi sempre um "fim", uma "elevada missão", de que procurou viver exclusivamente, embora isso significasse ter uma vida modesta.

E, neste ponto, a sua vida foi um exemplo brilhante de isenção e honestidade, em nitido contraste com a de outros seus colegas, para quem a cátedra não constitue mais do que um "meio", um "trampolim" para se alçapremarem a posições muito mais rendosas que a colaboração com o fascismo lhes ofereceu.

A atitude de independencia de Rocha Saraiva dentro do seu magistério valeu-lhe viver dentro da Faculdade de Direito, desde que se constituiu o fascismo, numa atitude de "tolerado", sendo-lhe retirado o exercício da cadeira de Direito Constitucional com receio de que o notável constitucionalista inspirasse atravez dela, nos jovens o ideal e a nobreza das ideias democraticas. Por aqui se vê como a simulada homenagem do ditador português no seu discurso da U.N. a este seu adversário "desaparecido", é apenas a manobra do crocodilo ardiloso, que finge cho...para

O PALÁCIO-DE-ALI-BÁBA

Para instalar condignamente a obesa rotundidade do Goebels português Sr. António Ferro, director do Secretariado de Informação e Cultura Popular o Governo de Salazar comprou aos Condes de Sucena, em 1939, o Palácio Foz por 8.000 contos.

Porém, tal como se encontrava, o Palácio Foz não podia satisfazer os delírios megalómanos do Sr. António Ferro, -misto de sátrapa e de odalisca nos seus gostos -e vá de o ampliar, retocar e embelezar. Até fins de 1944 o Estado já tinha gasto nessas obras, 3.699 contos. Como de então para cá as obras não pararam, e já se dispenderam 700 contos com a instalação do aquecimento central e uns bons 400 com o arranjo das montanhas do res-do-chão (fora as despesas com a instalação de estação de Caminho de Ferro privativa nos jardins) parece-nos que seremos bastante modestos nos nossos calculos se dissermos que, de 1944 até hoje, já se dispendeu pelo menos outros 3.699 contos.

Para um "País pobre" e "condenado a uma vida modesta", como Salazar se não canga de nos lembrar, e para o "neo-francismo português", como já lhe chamou pitorescamente o Sr. Antonio Ferro, parece-nos que o dispendio de quinze ou vinte mil contos com um simples ministerio -mesmo quando destinado a albergar uma figura tão volumosa como a do secretário das informações -parece-nos muito. Sim, porque nós lembramo-nos dos hospitais mal instalados e sem leitos suficientes, lembramo-nos duma falta de assistência capaz aos tuberculosos, aos loucos, aos sifiliticos, e temos o mau gosto de discordar desta politica de grandesas num país "condenado a uma vida modesta".

XX

O FASCISMO PORTUGUES PROCURA SOBREVIVER

Continuação da pagina 6.....

Democratas portugueses!

Não nos esqueçamos de que o fascismo, por sua própria natureza, se não pode transformar espontaneamente em Democracia! Da colaboração com o fascismo só pode resultar um reforçamento e a sobrevivência do fascismo!

Verificámos que o discurso de Salazar não representa uma viragem para a Democracia, mas que exprime a continuação da sua política fascista de iludir e adiar os problemas nacionais e de dividir as forças democráticas que se lhe opõem!

cráticas que se ine opõem:
Com os fascistas só poderemos encontrar-nos num campo: no da com-
petição perante as urnas, em eleições livres!

É provável que o fascismo, forçado pelas circunstancias externas e internas, se veja obrigado a fazer ainda mais algumas concessões de meias liberdades, com fins demagógicos. A nossa oposição irreductivel ao fascismo impõe-nos que as desaproveitemos? Não!

~~Não~~ devemos sempre aproveitá-las, mas para, mais uma vez, exigirmos bem alto:

Que o fascismo entregue o poder a um Governo Provisório de portugueses honestos, o qual restituirá ao país as liberdades fundamentais (de associação, de reunião, de expressão do pensamento), organizará honestamente um novo recenseamento eleitoral, decretará uma lei eleitoral séria e oferecerá garantias para a realização de verdadeiras

ELEIÇÕES LIVRES !!

Continuando a não querer satisfazer estas nossas legítimas exigências, o fascismo assume a gravíssima responsabilidade de conduzir criminosamente o País à guerra civil. Nós não queremos a guerra civil mas, se fôr preciso, combateremos e venceremos!

E a garantia desta Vitoria é, não esqueçamos nunca a consigna do Conselho Nacional de Unidade Anti-fascista:

REFORÇAR CADA VEZ MAIS A UNIDADE DE TODAS AS FORÇAS

DEMOCRATICAS !

INTENSIFICAR A LUTA CONTRA O FASCISMO !

[illegible]

Q U E M S ã o E L E S ?

MEMBROS DA ASSEMBLEIA NACIONAL E...

Dr. António Judice Bustorff Silva:- do Cons.de Adm.das seguintes empresas: Soc.Portuguesa de Seguros; Soc.Metropolitana e Colonial de Construções, Lda.; Comp.Agrícola do Cazengo; Cª.Agrícola de Angola; Soc.Civil do Casal Garcia da Horta; Antiguidades França,Lda.; da Mesa da Assembleia Geral das seguintes Empresas: Banco Lisboa & Açores; Comp.Colonial de Navegação; Soc.Portuguesa de Carbonisação E.R.I.M.; C.P.; Comp.Ultramarina de Petroleos; Empresa Geral de Transportes; Empresa Mineira do Lena; Comp.de Maquinas Comerciais; Elecrometalurgica Portuguesa; Comp.de Cabinda; Comp.das Fabricas de Ceramica Lusitania; Comp.Africana de Petroleos; Automatica Electrica Portuguesa; Acionista da Soc.Corretora Mobiliária e Inobiliária. Tambem Presidente da Assembleia Geral da Empresa Comercial e Industrial de Pesca. Faz parte da Comissão de Vencimentos da Comp.dos Caminhos de Ferro da Beira Alta...

Sebastião Garcia Ramires:- Engenheiro: do Conselho de Administração da Comp: de Seguros o Trabalho. Do Conselho de Administração da Comp. Portuguesa Siderurgica; do Conselho de Administração da Companhia Industrial de Peles e Coiros Artificiais; do Conselho de Administração da Companhia Lusitana de Fosforos; Presidente da Assembleia Geral da Soc. Industrial de Aproveitamentos de Madeiras (S.I.A.M.); acionista do Banco Nacional Ultramarino; ex-membro da Comissão Executiva da União Nacional; Junta Consultiva da União Nacional; ex-Ministro do Comercio e da Industria; Vice-presidente da Assembleia Nacional em 1945.

MEMBROS DA CAMARA CORPORATIVA E...

Afonso de Melo Pinto Veloso:- Do Conselho de Adm.da Companhia das Lezírias; do Cons.Fiscal da Soc.Portuguesa de Administrações. Presidente da Assembleia Geral da Comp.de Seguros Sagres; Pres. da Assembleia Geral da União de Viticultores de Portugal; Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal Vogal do Conselho Superior Judiciário. Ministro da Justiça de 23.12.918 a 7.1.919. Juiz Relator do Supremo Tribunal Militar. Foi nomeado para rever a industria dos lacticínios em Maio de 1945.

Dr. José Gabriel Pinto Coelho:- do Cons. Adm. do Banco Nacional Ultramarino do Cons. de Adm. da Soc. Portuguesa de Administrações; do Cons. de Adm.

da Comp. Caminhos de Ferro do Norte de Portugal; do Cons. de Adm. da Comp. C. Ferro do Vale do Vouga; Presidente da Assembleia Geral da Comp. Colonial do Buzi; Acionista da Comp. dos Betuminosos de Angola; acionista do Banco da Agricultura. Reitor da Universidade Classica de Lisboa. Director da Faculdade de Direito de Lisboa, Junta Consultiva da União Nacional (1945). Lavrador em Ponte de Lima.

Bernardino Alves Correia:- Do Cons. de Adm. da Comp. Colonial de Navegação; do Cons. de Adm. da Editora Maritimo-Colonial; socio da Firma Bernardino Correia e Com. Lda. Do Cons. de Adm. da Comp. Angolana de Agricultura; do Cons. de Adm. da Comp. de Seguros e Trabalho; do Cons. de Adm. da Emp. Commercial Industrial de Pesca; do Cons. de Adm. da Comp. de Borracha de Angola; do Cons. de Adm. da Comp. Agricola de Fernando Pó; do Cons. de Adm. da Comp. Agricola de Cazengo; do Cons. de Adm. da Comp. dos C. Ferro de Amboim; do Cons. de Adm. da Comp. Eletrica do Lobito e Benguela. Tem uma quota de 500 contos na clinica Médico-Cirurgica de Lisboa. Vice Pres. da Assembleia Geral da Comp. de Criação e Comercio de Gados; é o principal acionista da Comp. de Navegação e Comercio. Pertence à Direcção da Associação dos Armadores Portugueses; vogal da Junta de Exportação de Cereais das Colónias.

NOTA:- Por completa falta de espaço, só no proximo numero nos é possível prosseguir.

XX

REFORCEMOS

A NOSSA

UNIDADE NA LUTA

CONTRA



FASCISMO !!!